ANN BRASHARES

TUDO JUNTO E MISTURADO

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2017 by Ann Brashares

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A citação original de *Hamlet*, de William Shakespeare, foi retirada da edição da Companhia das Letras (2015), com tradução de Lawrence Flores Pereira.

TÍTULO ORIGINAL The Whole Thing Together

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Milena Galli

ILUSTRAÇÕES DE CAPA Helena Cintra/ Estúdio Bogotá

PREPARAÇÃO Elisa Braga

REVISÃO Érica Borges Correa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brashares, Ann
Tudo junto e misturado / Ann Brashares ; tradução Cristian Clemente. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: The Whole Thing Together.
ISBN 978-85-5534-050-5

1. Ficção juvenil I. Título.

17-06576 CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.seguinte.com.br
contato@seguinte.com.br

/editoraseguinte
@editoraseguinte
Editora Seguinte
editoraseguinte
editoraseguinteoficial

Com reconhecimento e amor profundos às queridas amigas Nancy Easton, Bethany Millard, Janice Meyer e Elizabeth Schwarz, que me ajudaram na elaboração desta história — e de todas as minhas histórias — ao longo de muitos quilômetros e muitas estações do ano no Central Park.

A FAMÍLIA THOMAS-HARRISON, EM RESUMO

LILA HARRISON *se casou com* ROBERT THOMAS.
Juntos tiveram três filhas:
EMMA, *22 anos*
QUINN, *21 anos*
MATTIE, *19 anos*
Lila e Robert se divorciaram.

LILA *se casou com* ADAM RIGGS.
Juntos tiveram um filho:
RAY RIGGS, *17 anos*
(Adam teve dois filhos do casamento anterior:
ESTHER *e* GEORGE*, ambos beirando os trinta anos.)*

ROBERT *se casou com* EVIE STONE.
Juntos tiveram uma filha:
SASHA THOMAS, *17 anos*

CENÁRIOS

Casa à beira de um lago em Wainscott, no Braço Sul de Long Island

A casa de Lila e Adam no Brooklyn

A casa de Robert e Evie em Manhattan

1

ALTOS E BAIXOS DE UM RELACIONAMENTO QUE NÃO EXISTIU

Para ele, o cheiro do lar era, mais do que qualquer outra coisa, o cheiro de uma garota que ele não conhecia.

Seu lar não era a casa de tijolinhos com três andares na rua Carroll, no Brooklyn, onde ele morava a maior parte do tempo. Seu lar era aquela casa grande na beira de uma lagoa que transbordava para o oceano no Braço Sul de Long Island, numa cidadezinha chamada Wainscott. Ali ele passava metade das semanas do verão e metade dos finais de semana de quase todos os anos da sua vida.

Ray estava sentado no quarto em meio a pilhas de livros, roupas, brinquedos velhos, cobertores, capas de chuva, tralhas de pesca e equipamentos esportivos, e respirava fundo, em busca de vestígios dela em tudo que pertencia a ele.

Era um cheiro antigo, íntimo e nostálgico, associado à felicidade e à liberdade do verão, à brisa fresca que entrava casa adentro. Também era um cheiro novo, reavivado toda semana,

enriquecido com partículas de um xampu novo, de um vestido novo, da coisa brilhante que ela passava nos lábios.

Com aquela sensação plena e dolorida, ele levantou e deitou na cama, onde o cheiro dela era sempre mais intenso. Inspirava-lhe o conforto das coisas conhecidas e do aconchego da noite. Ele sempre tinha os sonhos bons ali, quase nunca pesadelos. Na sua cama no Brooklyn, ele tinha pesadelos.

Ficou deitado de bermuda e camiseta, pés descalços sujos de areia pendendo para fora da cama, por respeito. Não costuma pensar em coisas desse tipo.

O sono naquela cama, apesar de doce, se tornara entrecortado havia mais ou menos um ano. Docemente entrecortado. Docemente frustrante. O cheiro, com suas notas extras e novas, passou a ficar tão estimulante quanto era reconfortante. Ele não sabia direito que notas eram aquelas que agitavam sua noite de um jeito novo.

— Como estão as coisas por aqui?

Ele sentou na cama. Sua mãe sempre batia e entrava no quarto sem a menor hesitação.

— Já está tirando uma soneca? — ela perguntou.

— Não, eu só estava…

— Você tirou tudo do closet?

Ele se voltou para o closet escuro, com a porta aberta.

— Quase tudo. Tentei deixar as coisas da Sasha como estavam. Mas tem algumas coisas misturadas. E outras que não sei de quem são.

— Seria bem mais fácil se tivesse uma luz lá dentro — a mãe observou.

Ele assentiu. Fazia uns dois anos que ele não trocava a lâmpada, e bem mais tempo que não limpava o closet.

— Já estou liberado?

Lila lhe lançou um olhar de reprovação.

— Sério? Você simplesmente jogou tudo no chão. Vai ter que dar um jeito nisso.

— Foi por isso que voltei para a cama.

Ela amarrou um pano na cabeça. Suas calças estavam cobertas de manchas de tinta velha e barro.

— Sorte a sua que não pedi para você me ajudar na cozinha. Você devia ver o tamanho da bagunça por lá.

Ele levantou, sem se sentir sortudo.

— Por que a gente está fazendo isso de novo?

— As meninas organizaram a casa.

— Para mim, a casa está ótima.

— A outra família vai fazer isso também, semana que vem.

— Devíamos ter deixado que eles começassem.

— Volte ao trabalho, Ray. Deixei sacos de lixo e caixas no corredor. Ponha nas caixas o que você quiser guardar. Quando terminar, pode levá-las para o depósito e arrumá-las direitinho nas prateleiras.

Ele examinou as prateleiras ao longo da parede do quarto. Ele e Sasha tinham seus acordos e desacordos silenciosos quanto à divisão das gavetas, das estantes e do espaço no guarda-roupa.

Quase todos os livros eram dela. A coleção completa de Harry Potter ainda estava ali, junto com as Crônicas de Nárnia e a trilogia Fronteiras do Universo. Ray tinha contribuído

com *O Hobbit* para os volumes de O Senhor dos Anéis. Ele lia quase todos os livros dela, às vezes ao mesmo tempo que ela, exceto os que eram muito de menininha. Ficava indignado quando estava lendo algum dos livros, como o último do Harry Potter, e Sasha levava o exemplar para a cidade.

Ele pegou um saco de lixo reciclável para seus quadrinhos velhos e sua pilha de trabalhos de escola. Entre eles, encontrou uma antiga prova de Ciências (nota 9,1) e um relatório de Sasha sobre *A menina e o porquinho*. Ninguém nunca confundiria a caligrafia arredondada e regular dela com os garranchos de Ray.

O armário que guardava conchas, pedrinhas coloridas do mar, pedras lisas, cascas de ovos e dentes de tubarão era propriedade compartilhada. Ele não fazia ideia de quem tinha encontrado o quê. Ambos eram grandes saqueadores da praia. E tudo aquilo pertencia ao mar, não? Ele se livrou de alguns corais quebradiços e deixou o resto do jeito que estava.

Ray não ligava para a cômoda — ele deixava Sasha ficar com todo o espaço desde o sexto ano, exceto o gavetão de baixo, com malhas e blusas velhas que ambos usavam. O guarda-roupa dele, pequeno e nada impressionante, limitava-se a duas prateleiras e um cabideiro no lado esquerdo do enorme closet. Pelo menos noventa por cento do armário de remédios era tomado por coisas dela. Verdade: ele mal tinha produtos de higiene pessoal, principalmente porque usava os dela. Ficava feliz em usar o xampu de Sasha e andar por aí com o cheiro dela. Fazia anos que ele não trazia para a casa de praia pasta de dente ou fio dental.

Havia um monte de porcarias quebradas ou inúteis para jogar fora. Ele levou um bom tempo inspecionando os equipamentos de pesca. Tinha de admitir que ocupavam mais do que a sua metade do closet, mas Sasha podia muito bem usá-los, contanto que cuidasse direito. Os dois compartilhavam uma prancha de bodyboard, que ele ainda usava de vez em quando.

Será que ela usava? Ray não sabia. Ele torcia para que sim. Sempre imaginou que Sasha, tanto quanto ele, amava aquele lugar, aquela lagoa, aquela praia, a casa estranha, a velha cama dobrável sob a claraboia.

E as pranchas de surfe que guardavam na garagem.

Embora dormissem na mesma cama (confortável, irregular) e observassem a lua da mesma claraboia, os dois não se conheciam. Tinham três meias-irmãs mais velhas em comum — Emma, Quinn e Mattie —, mas não eram parentes consanguíneos. O pai de Sasha, muito tempo atrás, fora casado com a mãe dele.

Ray tinha visto o rosto de Sasha bem de longe, no outro extremo do Radio City Music Hall, na formatura das irmãs mais velhas. Nunca a tinha visto de perto porque os dois pares de pais coreografavam os assentos e os festejos pós-cerimônia de um jeito que um jamais encontrasse o outro. As festas de aniversário das irmãs também eram assim. Duas, sempre separadas: uma com a família dele, com pão de abobrinha caseiro e presentes artesanais na mesa da cozinha da casa do Brooklyn; outra que, pelo visto, era em salões exclusivos em restaurantes da moda a que uma pessoa comum jamais poderia ter acesso. Ele nunca tinha ido a uma dessas festas, claro.

Ele tinha visto fotos de Sasha pequena pela casa. Sempre ficava de olho, à procura de fotos novas, mas fazia tempo que não aparecia nenhuma.

Ray tentou ser amigo dela no Facebook no oitavo ano, mas Sasha não aceitou. Ele ficou com raiva, depois a respeitou e, por fim, se sentiu aliviado. Na verdade, ele não queria ver Sasha daquele jeito: mais uma garota abraçada com as amigas de biquíni, ostentando aparelhos nos dentes e sinais de paz e amor em Paradise Island. Ele queria manter a ideia de que ela era diferente.

No começo do ensino médio, ele deletou seu perfil no Facebook porque não queria ver mais ninguém daquele jeito. A exibição de felicidade fingida irritava depois de um tempo. Ele tinha uma tendência a críticas severas, e o Facebook só piorou isso. "Você quer viver isolado", Mattie tinha lhe dito. O que não era bem verdade. Ele usava o Snapchat e o Rapchat tanto quanto os amigos.

Ray sabia que Sasha frequentava uma escola só de meninas no Upper East Side, onde todas as alunas usavam uniforme. Mattie, fazendo pouco caso, comentou que havia apenas quarenta e duas garotas na turma de Sasha. Ray imaginava Sasha de sainha plissada, mas evitava insistir nesse tipo de divagação.

Ray frequentava uma escola pública em Fort Greene, no Brooklyn. Eram 1774 alunos e poucas saias plissadas.

O mundo das escolas particulares de Nova York era como um clube: isolado, presunçoso e bem chato, e Ray não fazia parte dele. Suas irmãs faziam, porque o pai delas era rico. Era

estranho ser de uma classe econômica diferente da de sua própria família.

Por isso ele não conhecia Sasha por nenhuma das vias normais. Sua sensação era de que a conhecia de um jeito mais antigo e profundo. Tinha brincado com seus brinquedos, lido seus livros, dormido sob seus cobertores, amado suas irmãs e brigado com elas. Era quase como se Sasha fosse parte dele. Ray era o seu amigo ideal em muitos sentidos: sempre ao seu lado, nunca decepcionava. Sasha nunca lhe dera a chance de julgá-la de modo superficial.

Quando chegou à pilha de sapatos, ele começou a dividir, porque dividir era a especialidade deles. Não conseguia se lembrar de quem eram os chinelos velhos e surrados de quando eram pequenos, então jogou a maior parte no saco de lixo. Torcia para que ela não se importasse com isso. Quando estava de bom humor, ele sempre lhe dava o benefício da dúvida. Quando estava de mau humor, as opiniões dele sobre ela tendiam a piorar. Mas mesmo em seus momentos de muita raiva, capazes de pôr tudo a perder, não conseguiam prejudicar sua relação com Sasha.

As velhas sapatilhas aquáticas dela. Dele. Quando os dois eram mais novos, seus pés eram quase do mesmo tamanho, e eles podiam compartilhar coisas assim, e às vezes era isso que faziam. Mas ela costumava usar um tênis ortopédico especial em que Ray não podia nem encostar, e isso criou uma ternura inesperada por ela. Não sabia bem por quê, mas o jeito como o tênis ficava lá — estação após estação, um pouco mais volumoso e sempre a postos no closet — permitia imaginar

exatamente a postura dela ao usá-lo. Nos últimos anos, o pé dele cresceu muito, e o dela, pelo que ele via, permanecia bem pequeno.

Os tênis dela, dele.

Dividir era tudo o que faziam. Conforme a combinação de seus pais, dividiam a casa, dividiam o ano, dividiam os feriados, dividiam a comida, dividiam artigos de papelaria, dividiam os custos igualmente — bom, igualmente na teoria. Havia controvérsias entre os pais em quase todas as divisões: os afazeres domésticos, o gramado, a manutenção da piscina. As irmãs dele também eram divididas.

Os pais de Ray pareciam desfrutar de um casamento tranquilo, mas foi o casamento acabado havia tempos e o divórcio amargo entre sua mãe, Lila, e o pai de Sasha, o quase mítico Robert Thomas, que moldou a vida deles. Além das três filhas, a casa na praia era a única coisa de que nem Lila nem Robert consentiriam em abrir mão.

Existia uma trégua tensa, rodeada de farpas antigas. Durante o ano letivo, a troca ocorria à meia-noite do domingo, para que a casa tivesse cinco dias úteis para descansar, para se esquecer de uma família e recuperar a lembrança da outra. No verão, porém, o uso da casa era constante. O horário da troca mudava para o meio-dia do domingo, tornando aquela uma hora maldita, em que as vidas das duas famílias se chocavam, forçando a boa disposição da velha casa.

No verão, havia o perigo e a excitação de ver a outra família, quem sabe avistar de relance o carro deles na saída. A cada dois domingos, Ray imaginava que a casa preservava va-

gos aromas deles, a agitação na piscina, talvez o quentinho da cama. A regra levada a ferro e fogo no verão era nunca sair da casa depois das onze e quinze da manhã de domingo e nunca chegar antes de quinze para a uma. Eles jamais arriscavam um encontro com a outra família. E apesar do desejo secreto de Ray, nunca se encontraram. Mantinham meia vida entre meia família em meia casa por meio ano. Se você juntasse os dois lados, ia ter um todo. Mas isso nunca acontecia.

No closet havia uma fileira de calçados evidentemente femininos: sandálias rasteirinhas com tiras, outras com salto. Nada mais de tênis ortopédicos volumosos. Ele refletiu um pouco sobre aqueles sapatos de gente grande, tentando imaginar a garota, agora mais velha, que os calçava, mas não insistiu nisso e não os tocou. Por causa do problema da cama que parecia ter vida, ele receava transformar a companheira de quarto em algo real.

O Brooklyn era a sua casa de verdade, e lá seu quarto era só dele, mas mesmo assim ele nunca se sentia tão inteiro quanto na casa da praia.

Carregando as duas primeiras caixas, ele passou pela porta de correr da cozinha, pelo caminho de lajotas, pela cerca em volta da piscina e chegou à casinha da piscina. O cômodo da frente, que dava para a piscina, continha coisas que têm a ver com piscinas — uma geladeira, estantes e ganchos para pendurar boias e toalhas —, mas o cômodo maior, nos fundos, sem janela, era um depósito para coisas raramente utilizadas.

Ele tateou a parede para achar o interruptor. Fazia muito tempo que não ia ali. Cheirava a mofo e bagunça.

Logo de cara, o berço velho e empoeirado chamou a sua atenção. Tinha sido dele e também dela. Ele viu a capa de plástico que cobria o colchão infantil para protegê-lo de vômitos. Vômitos dele, para ser exato.

Que história eles tinham juntos, não juntos. Dois bebês que dormiram ali e cresceram atrás daquelas grades. Usavam o mesmo berço, mas nunca ao mesmo tempo.

Enfiados debaixo do berço estavam brinquedos velhos. Por quê, afinal, eles ainda guardavam aquelas coisas?

Ao olhar mais de perto, ele ficou feliz por ainda estarem guardadas. Havia uma caixa comprida cheia de peças de Lego. Durante um verão e um outono mais chuvosos que o normal, eles construíram uma cidade, não ao mesmo tempo, mas em sequência, cada um acrescentando uma parte a cada semana. Ele fez o aeroporto, ela fez o zoológico. Havia dois parques de diversão, quatro parquinhos e uma biblioteca, mas nada de escola, pelo que ele se lembrava, nem mesmo de lojas. Havia uma harmonia natural entre eles no planejamento urbano. E as circunstâncias o impediam de ser autoritário e mandão. Ray não tinha escolha exceto ser paciente e deixar Sasha usar todo o tempo que tivesse. Ele se lembrou da emoção de chegar na casa e correr escada acima para ver o que ela tinha acrescentado.

Ray amava aquela cidade. Ele fez um escândalo quando uma empresa de limpeza contratada pela outra família a desmontou um pouco antes do Dia de Ação de Graças. Será que Sasha ainda se lembrava da cidade?

Havia bolas e sabres de luz com pilhas fazia muito tempo

sem carga. Outra caixa guardava os animais de plástico que tinham colecionado e dividido ao longo de vários aniversários e Natais. Havia animais de pelúcia cobertos de pó que ela amava com ternura e que ele usara como projéteis. Havia o avião da Barbie, de que ele caçoava em público, mas com que tinha brincado escondido durante o longo mês de julho em que ambos tiveram catapora.

Ele correu os dedos pela grade do berço antes de sair.

Uma vez, quando tinha uns nove ou dez anos, Ray roubou um dos cobertores da cama deles e levou para a sua cama no Brooklyn, na esperança de que ele também funcionasse como um amuleto para espantar os sonhos ruins. Mas o cheiro dela foi embora, e o cobertor acabou sendo só mais uma roupa de cama com o cheiro dele.

— Meu Deus, Quinn, eu não vi você. Parece até uma assombração.

Empoleirada na cômoda da mãe, Quinn deu risada.

— Há quanto tempo você está aí?

— Uns minutos. Vi você esvaziar a gaveta de meias.

Lila arqueou uma sobrancelha para ela.

— E depois colocar tudo de volta.

— Então faz um tempo que você está sentada aí.

A mãe dela não era muito boa em se livrar das coisas, Quinn notou. Não que fosse de juntar tralhas, mas de repente alguma coisa ganhou um mundo de significado, e ela ficou pasma e fechou a gaveta.

— E o seu quarto?

— Terminei.

— Tudo?

— Não tenho tanta coisa assim.

A mãe pensou um pouco.

— Não tem mesmo. É verdade.

Quinn guardava com cuidado tudo o que possuía. Tinha o mesmo tamanho desde os catorze anos, o que facilitava as coisas quando se tratava de roupas e sapatos. Ela não julgava Lila — Quinn também não gostava de jogar coisas fora quando ainda dava para usar.

Mattie adorava fazer compras, mas Quinn não. Esse era mais um motivo porque ela tinha poucas coisas. Shoppings e lojas de departamento a deixavam abatida e estranhamente exausta. Mattie a tinha arrastado até a Target de Patchogue, mas Quinn se conhecia o bastante para esperar do lado de fora.

Houve muitos resmungos por causa da faxina, mas Quinn sabia uma coisa que os outros ainda ignoravam. Emma, a mais velha e mais mandona, insistia na ideia porque estava se apaixonando. Quinn desconfiava que Emma via as coisas de um jeito diferente, muito além do borrão da rotina. Emma queria que tudo parecesse melhor.

Emma ainda não tinha admitido. Quinn não sabia quem era, mas sabia que era alguém importante.

— Por que você não lida com a sala de TV?

— O.k. Acho que dá.

A marca do avô Harrison estava em toda a casa, principal-

mente na sala. As paredes eram de pinho e tinham armadilhas para caça e pedaços de madeira encontrados na praia presos a elas por montes de arame torcido. No canto da sala ficava o bar, com uma máquina de gelo da década de 1970 quebrada. A maioria das prateleiras vergava sob o peso de livros de capa dura, como *Quem é quem na América*.

Quinn nunca sentiu a presença do avô na casa. Porque ele estava morto, para começo de conversa, mas esse não era o motivo principal. Ele tinha sido um rejeitado, falido, ultrapassado. Eles tinham apenas que lidar com as coisas dele, e como eram coisas, eram dóceis, fáceis de ignorar, e ficavam à espera de dias melhores.

Ela se voltou para as caixas-arquivo de papelão empilhadas num canto atrás da escrivaninha. Ali havia fotos, quase todas negativos e slides. Quinn pegou os vários envelopes e sentou, de pernas cruzadas.

A primeira caixa estava quase lotada de fotos dos seus avós no clube de campo com os amigos. Estava na cara que eles gostavam de golfe e coquetéis. Algumas eram fotos de família posadas demais, em que se viam a pequena Lila e seu irmão Malcolm, ainda menor, em pé, com roupas engomadas, parecendo pouco à vontade.

Agora o tio Malcolm vivia no deserto em Novo México com sua esposa vietnamita e o filho deles de dois anos, Milo. Malcolm dizia que odiava a Costa Leste e evitava ao máximo ir para lá. Dava para ver na foto — pelo colarinho apertado, o macacão de lã grossa e os sapatos de bico quadrado — por que as coisas tinham chegado àquele ponto.

A caixa seguinte guardava fotos dos pais de Quinn, do breve momento em que as aspirações de suas vidas coincidiram. Uma foto tirada no gramado daquela mesma casa mostrava Lila, com o cabelo loiro escorrido até o umbigo, e Robert, moreno, jovem, de jeans e camiseta. Eles divergiam praticamente em tudo, queriam coisas diferentes. Dava para perceber observando a foto com atenção: ela era espalhafatosa, ele era impaciente. Lila queria usá-lo — usar a sua origem étnica indiana — para desafiar os valores dos pais. Robert queria abraçar esses valores, enquanto ela esperava que ele os contestasse.

Meses depois, Lila engravidou e eles se casaram, partindo para o próximo estágio da vida, onde as grandes decisões foram tomadas antes que se dessem conta. O avô Harrison, como esperado, ficou chocado e horrorizado por sua filha ter engravidado de um homem moreno. Agora ela trazia na barriga um bebê provavelmente de pele morena, e nem estava casada.

Anos depois, quando Robert "salvou sua lavoura", o avô Harrison se aproximou dele. Na verdade, o avô acabou tratando Robert como um herói. Mesmo depois do divórcio. Robert conquistara um sucesso nos negócios que o avô jamais tinha conseguido alcançar. "Robert acha que pode comprar todo mundo", era o que Lila dizia. Lila gostava mais dele quando o avô Harrison o odiava.

Assim que o choque foi desaparecendo, o casamento balançou. Quinn sentiu isso antes de perceber os fatos. Ela era a criança de olhos grandes, com uma paciência incomum, que ficava debaixo das mesas e nos cantos, captando infor-

mações e levando-as para o quarto ou para debaixo de uma árvore, processando-as quando conseguia. Por um tempo, os dois trocaram acusações, xingamentos e gritos, três policiais foram chamados em casa ao anoitecer, houvera uma guerra pela custódia. Não havia fotos de nada disso na caixa. Suas irmãs pareciam não conhecer nem se lembrar dessas coisas, e Quinn não queria que elas lembrassem.

Então vieram os segundos casamentos, dois bebês que nasceram no mesmo mês, felicidade em ambos os lados da divisão. O longo e amargo silêncio instalou-se entre seus pais. A luta continuava, mas dissimulada e surda.

Uma foto no fundo da caixa atraiu a atenção de Quinn. Era pequena e quadrada, com uma borda branca curvada, diferente das demais.

O rosto era jovem, virado levemente para o lado, quase tímido demais para sorrir. A mão de Quinn começou a tremer ao segurá-la. Ela nunca a tinha visto antes, mas ao mesmo tempo sempre a tinha imaginado. O cabelo escuro da garota estava amarrado num coque; os olhos eram grandes, escuros e muito expressivos. Um ponto reluzia ao lado do nariz; um bindi aninhado entre as sobrancelhas escuras e marcantes. Ela usava brincos de ouro trabalhado.

Quinn correu escada acima o mais rápido que pôde.

— Ei, mãe, quem é essa?

Lila examinou a foto atentamente. Observou o verso à procura de uma data.

— Você achou na sala?

— No fundo de uma das caixas.

— Uau. Não sei por que isso estava lá. — Lila olhou de perto. — Pelo que me parece, é uma foto da sua avó biológica. Veio com os documentos da adoção do seu pai.

— Eu sabia que era ela. Tinha que ser. Olhe o rosto.

— Meu Deus, ela parece um pouco você, não parece? São os olhos?

— Essa boca confiante lembra um pouco Emma, não acha?

Quinn achou que ela tinha uma semelhança misteriosa com Sasha, mas não comentou sobre isso.

— Dá para ver. De verdade.

— Desejei tantas vezes ver a minha avó. Que sorte. Você sabe o nome dela? Sabe alguma coisa sobre ela?

Lila pareceu cautelosa.

— Você devia perguntar ao seu pai. Ele deve ter a papelada da agência canadense encarregada dos bebês de Bangladesh depois da guerra. Não havia muita coisa, mas me lembro de uns documentos e dessa foto. — Ela examinou a imagem de novo. — Não a vejo desde que vocês eram pequenininhas. Não me dei conta da semelhança. Meu Deus, quase choro só de pensar.

Quinn ficou tocada com a confusão de sentimentos que via no rosto da mãe. Era difícil separar amor e ódio na família deles. O amor de Lila pelas filhas e pelas origens delas, a felicidade que desejava para elas nunca conseguiu se dissociar do pai delas, que Lila evitava, ressentida. Apesar de todas as barreiras que os pais de Quinn tinham construído entre suas vidas, as que importavam de verdade nem sempre ficavam de pé.

— Vou perguntar para o meu pai — ela disse.

Lila assumiu uma expressão de advertência.

— Bom, não é um assunto de que o seu pai gosta de falar. Pelo menos não gostava.

— Eu sei. — Quinn segurou a foto com cuidado. — Mas tenho que tentar mesmo assim.